

**HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE
HISTÓRIA: MARAGOGIPINHO E SUA CULTURA CERAMISTA COMO
PATRIMÔNIO VIVO**

Antonio Marcos Araújo de Souza
Mestrando ProfHistória pela Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Professor da Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação da Bahia
tonepe@bol.com.br

A presente comunicação tem como propósito apontar os caminhos percorridos até o momento na condição de aluno do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, a partir das atividades que venho desenvolvendo tanto no âmbito das disciplinas do curso ou mesmo na construção e aplicação da proposta de intervenção pedagógica que desejamos colocar em prática, dando conta da dimensão pedagógica preconizada pela proposta do mestrado.

Para tanto, estou buscando considerar a reflexão a partir de duas perspectivas que, ao meu ver, ajudam a compreender as preocupações que ganharam corpo no decorrer desta nossa tarefa de pensar o ensino de História. A primeira delas diz respeito ao papel que o ProfHistória vem desempenhando na mudança da minha postura docente e da percepção da própria condição profissional dos professores que atuam no ensino de História na atualidade. A segunda e não menos importante perspectiva refere-se a dimensão do pensamento sobre a construção de novas alternativas para a efetivação da relação ensino/aprendizagem de História nas escolas públicas de Aratuípe-Ba, e da consequente transformação do trajeto constituído ao longo do curso em uma dimensão prática e/ou em texto dissertativo.

**O MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS
IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE**

O ingresso no curso de Mestrado em funcionou como um divisor de águas na minha postura como professor de história. Não tenho dúvidas de que esta sensação também foi compartilhada pela grande maioria dos colegas que ingressaram comigo na

turma. Muitos dos quais, assim como eu, estavam há algum tempo distanciados do debate acadêmico mais atualizado, tanto no que se refere a discussão sobre pesquisa histórica ou historiografia, como também na relação com o ensino de história sob as perspectivas mais contemporâneas.

Fazer parte do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória, para além de uma grande oportunidade de uma reaproximação com a vida acadêmica, com a conseqüente ampliação da qualidade da minha formação, também possibilitou o despertar para um conjunto de aspectos causadores de importantes inquietações. Dentre elas destaca-se, fundamentalmente, a de tentar entender qual o sentido da minha prática na condição de professor de História, tendo em vista os constantes desafios enfrentados no exercício da profissão. Uma outra inquietação suscitada, e não menos importante, diz respeito à reflexão acerca da própria utilidade do professor de história no cenário atual, considerando que vivemos num momento marcado por grandes incertezas acerca dos rumos da educação pública brasileira.

Da mesma forma, as questões com as quais tenho me deparado levaram-me a também refletir sobre qual a importância da atividade de pesquisa na minha ação pedagógica cotidiana, considerando que esta não deve estar dissociada da prática docente do professor de história, pensando mais objetivamente nos trabalhos que construímos na condição de pesquisadores no campo da História, e de como tais produções ecoam nas nossas salas de aulas, ou mesmo se transformam em conhecimento histórico escolar.

Para além da minha prática docente, as questões que começaram a aparecer diante do exercício de reflexão oportunizado pelo curso de mestrado profissional, levamos a pensar sobre qual tem sido o espaço da história local nas escolas do município de Aratuípe-Ba, pensando este lugar como um importante patrimônio histórico e cultural, e na produção de conhecimento histórico escolar nas nossas salas de aula. Sob uma nova percepção, deslocamos agora o nosso olhar para as práticas de sala de aula, para o fazer pedagógico no ensino/aprendizagem de história, e para a conseqüente construção de conhecimento histórico no ambiente escolar.

Nesse sentido, o avançar das discussões implicou também avaliar e refletir sobre alguns importantes aspectos: Como tem se constituído o ensino de história nas nossas

salas de aula em Aratuípe, e especialmente da história local? Quais são os temas presentes no planejamento das aulas e na prática cotidiana dos professores no ensino de História das nossas escolas? Quais os caminhos para aproximar o conhecimento histórico existente sobre a história local do conhecimento histórico escolar? Quais as possibilidades de uso de fontes históricas na sala de aula tomando como referência a história local, o espaço e sua gente constituídos como patrimônio? Quais os desafios diante da tarefa de tornar o ensino/aprendizagem de história local uma ação pedagógica possível e atraente?

De acordo como Fernandes (1995), existe um lugar para a história local no ensino de história que não deve ser desconsiderado. A valorização da história Local pode ajudar, entre outras coisas, na construção da própria identidade do aluno não apenas como ser histórico, mas também como cidadão. Da mesma forma, permite uma aproximação com os métodos de pesquisa que são utilizados na produção do conhecimento histórico, possibilitando um conhecimento que permite melhor compreender a realidade local e a agir sobre ela.

Ao buscar valorizar a história local como estratégia para pensar o ensino de história, o distrito de Maragogipinho em Aratuípe-Ba, apareceu como espaço privilegiado. Neste momento, ganhou corpo uma nova perspectiva na construção de um outro caminhar. Decidimos pensar Maragogipinho não apenas como o espaço de produção de objetos de cerâmica, mas como um “lugar de história” ou “lugar histórico”, e sobretudo, um “lugar de memória”, portador de riquezas histórica e cultural que frequentemente atraem os olhares de turistas e de pesquisadores, mas que também pode ser pensado sob o olhar do fazer pedagógico no ensino de história.

Entre outras coisas, percebemos a necessidade de buscar ampliar as possibilidades de construção de conhecimento histórico para além do ambiente da sala de aula, oportunizando a efetivação de uma prática mais dinâmica, estimuladora da atividade de pesquisa e motivadora do desenvolvimento de aprendizagens que se mostrem mais significativas para os estudantes. Sendo assim, verificamos que a valorização de Maragogipinho, analisada como objeto de ensino/aprendizagem de História, justifica-se também pelo fato de que nos permite – dada a riqueza do trabalho, da produção e da cultura local – o trabalho com fontes diversificadas de análise e estudo

da história, quer seja através de fontes orais, iconográficas, ou mesmo da análise dos objetos produzidos, ou da arquitetura do lugar.

O trabalho pretendido tem a ver não apenas com uma possível confirmação de que se constitui em algo vantajoso a introdução da história local como meio de construir conhecimento histórico. Impõe-se, nesse contexto, a perspectiva de desenvolvimento de uma nova postura diante do olhar sobre o lugar e de uma ação positiva com vista a um novo fazer no exercício da cidadania. Para Zarbato,

o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. (2017, p. 36)

Concordamos com a autora na medida em que compreendemos que ao não reconhecerem certos bens culturais como componentes da própria identidade, dificilmente os mesmos demonstrarão uma postura que se mostra em favor da preservação ou valorização dos referidos bens.

Espera-se, portanto, que a pesquisa no âmbito do ensino de história contribua não tão somente para ampliação da produção de conhecimento histórico e cultural sobre Maragogipinho e seus sujeitos. Entre outras coisas, pretendemos também que se mostre capaz de promover o debate acerca das possibilidades de construção de saber histórico escolar no interior das nossas salas de aula, estimulando a efetivação de práticas pedagógicas inovadoras e reveladoras da consciência da importância de ensinar/aprender uma história significativa para os sujeitos aprendentes, e estimuladora de uma postura de valorização da história local e de todo patrimônio construído pelo seu povo.

MARAGOGIPINHO COMO PATRIMÔNIO VIVO E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

O segundo momento da nossa análise refere-se à constituição do distrito de Maragogipinho, verificado como importante patrimônio histórico e cultural da cidade de Aratuípe – Ba, e utilizado como estratégia para ensino e valorização da história local, por

meio da educação patrimonial. Como tentativa de colocar em prática as análises provenientes das discussões verificadas ao longo do curso de Mestrado em Ensino de História, ganha destaque a consideração de uma dimensão prática proveniente da proposta do mestrado profissional com foco na sala de aula.

Para além de pensar o ensino de História sob novas e diferentes perspectivas, o mestrado profissional apresenta-se também como possibilidade de uma dimensão prática, voltada para objetos de aprendizagem, propostas didáticas e projetos de trabalho docente, sequências didáticas, ou mesmo uma reflexão com foco na relação entre o aprender e ensinar história.

Maragogipinho é um importante centro de produção de objetos de cerâmica que, na atualidade, tem uma produção voltada, especialmente para a fabricação de objetos decorativos diversificados, marcados por uma riqueza cultural de grande valor. Encravado na pequena cidade de Aratuípe, localizada entre o Recôncavo e o território do Baixo Sul da Bahia, o distrito de Maragogipinho tem a sua população predominantemente dedicada à atividade ceramista, sendo de que desde muito cedo as pessoas do lugar experimentam a

Não é recente o interesse de pesquisadores sobre Maragogipinho e sua vasta produção ceramista. Em um dos primeiros trabalhos sobre a localidade, José Carlos da Costa Pereira (1957), num trabalho sociológico intitulado “A Cerâmica popular da Bahia”, dedica atenção ao estudo da produção ceramista de caráter popular em todo o Estado da Bahia, destacando nos mais diversos lugares as origens, as características, a produção e até a comercialização dos produtos. No conjunto desta obra, o autor dispensa uma especial atenção à cerâmica de Maragogipinho, não só pela quantidade como pela qualidade das peças fabricadas. Nela encontram-se informações significativas, além das avaliações que faz sobre o local, deixando aí as suas impressões.

Num trabalho intitulado “O Reinado da Lua: escultores populares do Nordeste”, Coimbra, Duarte e Martins (1980) apresentam o resultado de um trabalho interdisciplinar, tendo em vista serem as autoras artista plástica, socióloga e economista, respectivamente, ao realizarem uma espécie de mapeamento dos espaços que abrigam escultores populares em diferentes lugares do Nordeste. Ao dedicar um dos capítulos ao trabalho em Maragogipinho, buscam analisar o estilo de vida, os produtos e a produção,

a circulação das mercadorias e, principalmente, a visão de mundo dos diversos escultores, o que é tentado a partir do recolhimento de seus depoimentos orais.

Na perspectiva de um trabalho memorialístico, temos o livro da professora Urânia Teixeira Mota. Filha de oleiro e com formação na área da Pedagogia, a autora escreveu o livro intitulado “Louça de Deus: o Caxixi de Maragogipinho” (2011), como forma de valorizar as suas origens, produzindo uma intensa pesquisa onde apresenta inúmeras informações que abrangem variados aspectos que envolvem a História de Aratuípe e, em especial, um destaque significativo para Maragogipinho. Este trabalho apresentado em 12 capítulos, oferece um sucinto relato sobre aspectos diversos que envolvem, desde informações históricas, geográficas, personalidades, culturais, sociais, políticas, até uma descrição sobre o território Maragogipinho que é o grande motivador da organização do seu livro. Da mesma forma observa-se um intenso registro de fatos que expõem o cotidiano de um lugar que se traduz num destacado espaço de memória e expressão cultural.

Já no campo da pesquisa histórica, diferentemente do que havia sido escrito até então sobre Maragogipinho, destaca-se a dissertação de Mestrado de Virgínia Queiroz Barreto (1999) intitulada “Viver do Barro - trabalho e cotidiano dos oleiros: Maragogipinho - Bahia 1970–1999”. Com uma perspectiva mais acadêmica, trata-se de um importante trabalho em História Social que prioriza a oralidade, através da qual a autora busca interpretar as experiências desses sujeitos. O trabalho da autora apresenta um avanço sobre a compreensão da história local, na medida em que ajuda a dar voz aos sujeitos que construíram e continuam a construir as vivências de um espaço cuja dinâmica social é dotada de grande singularidade. Ao longo da análise, são enfocadas questões que nunca foram tratadas pela literatura sobre o local, procurando observar como esses sujeitos reinterpretem suas vidas e reformulam as práticas sociais na luta pela própria sobrevivência e também da sua arte.

Considerando o grande valor histórico e cultural atribuídos à comunidade de Maragogipinho, já vemos justificado o desejo de dedicar atenção à tentativa de reflexão sobre o lugar e sobre a sua gente. Sob o olhar do campo da história e da pesquisa histórica, ainda é limitado o tratamento dispensado ao espaço, mostrando-se ainda insuficiente. Sob a perspectiva do ensino de História, o trabalho que estamos propondo

nesse momento, traz a oportunidade pioneira de uma reflexão sobre as possibilidades de verificar como a consideração de temas de história local pode aproximar os alunos do conhecimento histórico a partir de um espaço que constitui um verdadeiro patrimônio histórico e cultural.

Entendemos, portanto, que a efetivação de uma prática docente sustentada na utilização de temáticas mais próximas do universo cultural e social dos alunos, reconhecidas como práticas socioculturais dotadas de importância, seja capaz de ajudar a desenvolver uma cultura de valorização do patrimônio bem como do trabalho dos que ajudam a construir o lugar e a sua riqueza cultural. Nesse sentido, constituiu-se uma importante oportunidade de garantir aos estudantes uma prática pedagógica que se mostre efetivamente próxima de suas vivências e desencadeadora de atitudes cidadãs em relação ao patrimônio cultural.

Verificamos que a noção de patrimônio ou mesmo patrimônio cultural, aparece como parte importante da reflexão acerca de Maragogipinho pensado na relação com o ensino de história. Aparece como aspecto fundamental que, pensado sob diversos aspectos, como sendo sempre resultado de uma construção social, deverá ser tratado na perspectiva de pensar o lugar, os objetos e especialmente os sujeitos, o que nos remete a uma compreensão da atualidade do próprio conceito de patrimônio e na sua relação com o ensino de história.

É nesta perspectiva que evidenciamos a metodologia da Educação Patrimonial como elemento fundamental para dar conta do nosso interesse em promover uma aproximação do ensino de história e a história local. Para Zarbato (2017, p. 34) “a educação patrimonial pode auxiliar a entender quem somos, o que fazemos, e para onde vamos, mesmo que não nos identifiquemos com o que este bem patrimonial evoca.”. Consideramos aqui o conceito de Educação Patrimonial verificada como

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.(HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4)

Da mesma forma, concordamos aqui com Matozzi (2008) na medida em que considera que o homem deixa as suas marcas na passagem do tempo e em todos os lugares. Sendo, portanto, necessário que os estudantes se reconheçam como parte também de um patrimônio, o que torna possível a concretização de um ensino de história voltado à aprendizagem e valorização de bens culturais patrimoniais. De acordo como Leal (2018, p. 45), é “na relação sociocultural e ambiental que os grupos e comunidades atribuem valor aos bens materiais ou imateriais que contam suas histórias, tradições, memórias, enquanto legados transmitidos de geração a geração.”

Consideramos aqui, conforme Thiollent (2011, p. 32), ao analisar “o papel da metodologia” na pesquisa, que “a metodologia pode ser vista como conhecimento geral e habilidade que são necessários ao pesquisador para se orientar no processo de investigação, tomar decisões oportunas, selecionar conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados.”. O pensamento e a caracterização da metodologia constituem-se numa etapa necessária e indispensável diante da atividade de pesquisa. A sua valorização aparece como um fazer importante diante da tarefa de produzir conhecimento por meio do exercício da investigação, da reflexão e da análise criteriosa de quem ambiciona alcançá-lo.

Pela natureza e características da proposta de trabalho, verifica-se uma aproximação com a ideia de pesquisa participante, fundamentada no envolvimento de diferentes sujeitos, na medida em que pretendo trabalhar com os estudantes da Educação Básica da Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus. São estudantes do Ensino Fundamental das séries finais e que estão matriculados no 9º Ano. Os estudantes apresentam histórias de vida bastante diversificadas e são todos oriundos basicamente da sede do município de Aratuípe.

A Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus, integrante da rede municipal de educação de Aratuípe-Ba, atende a estudantes que estão cursando o Ensino Fundamental II, composto por turmas do 6º ao 9º ano, conforme regulamenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que, entre outras coisas, atribuem aos municípios a responsabilidade pela Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Trata-se de uma escola que completa 15 anos de funcionamento na oferta desta modalidade de ensino. Em 2004 a escola começou a funcionar com turmas de 5ª série do ensino fundamental (atualmente denominado 6º ano), como parte da concretização do processo de municipalização das escolas estaduais que estava em curso neste período. Inicialmente a escola funcionava sob a denominação de Escola Municipal de Aratuípe e teve seu nome alterado por ocasião das comemorações de 10 anos de funcionamento da instituição, quando se discutiu a necessidade constituir uma identidade para a escola. Na oportunidade, através de consulta à comunidade escolar, foi escolhido o nome de Luciana Góes, em homenagem a uma professora que foi uma das primeiras a atuar na instituição quando do seu funcionamento, e que faleceu no ano de 2008.

A escola está localizada na Rua Edmundo Honorato Barreto que faz parte do único bairro que compõe a cidade de Aratuípe. O local onde a escola está instalada, é composto, em sua grande maioria, por moradores que vivem em situação de vulnerabilidade social, além de concentrar a maior parte da população aratuipense. Para muitos que compõem a comunidade escolar, a localização de escola tem influência direta nas ocorrências e problemas enfrentados pela instituição no que diz respeito aos casos de violência no ambiente escolar, inclusive na relação com os supostos casos de tráfico de drogas que por vezes tem repercussão na escola. O público de estudantes atendidos pela escola é originário de diversas regiões da cidade, além de cidades vizinhas. Residem na sede da cidade de Aratuípe, na zona rural, e até mesmo em localidades pertencentes a cidades vizinhas, formando um público bastante heterogêneo e apresentando vivências de mundo bastante diversificadas.

A turma selecionada para desenvolver a proposta de intervenção funciona no turno vespertino, sendo, portanto, formada por um número de 15 estudantes e que residem apenas na sede da cidade de Aratuípe. A maioria dos que formam a turma, reside no próprio entorno da escola, no bairro da Cidade de Palha. São pertencentes a famílias de baixa renda, como a maior parte dos moradores da localidade, enfrentando os mesmos dilemas que costumeiramente estão presentes neste lugar.

Pretendemos que os estudantes estabeleçam, à medida que as atividades do projeto de Educação Patrimonial sejam desenvolvidas, um contato permanente com a comunidade de Maragogipinho. Tal contato permitirá, entre outras coisas, que o trabalho

pedagógico de pesquisa e de conseqüente construção do conhecimento desenvolva-se por meio da interação permanente com a atividade ceramista, com os trabalhadores da cerâmica, bem como com o universo que envolve o patrimônio cultural da localidade produzido pelos seus sujeitos.

Para tanto, o projeto de intervenção proposto engloba um conjunto de atividades pedagógicas que serão desenvolvidas ao longo da segunda unidade letiva, envolvendo o contato com diferentes fontes como vídeos produzidos sobre Maragogipinho em diferentes momentos para variados fins, textos jornalísticos, livros e trabalhos acadêmicos existentes e que podem servir como fonte de pesquisa. Buscaremos também realizar aulas de campo com visitas à comunidade para contato com os trabalhadores e trabalhadoras da atividade ceramista, análise da produção ceramista, roda de conversa e/ou entrevistas com pessoas da comunidade, registro fotográfico das atividades de visitas, produção de relatórios e textos diversos sobre as atividades realizadas ao longo da unidade. O trabalho culminará com uma exposição que resultará do conhecimento produzido pelos estudantes no decorrer do processo a partir dos registros e produções construídas no decorrer da unidade com foco na valorização dos sujeitos que constituem o lugar e o mundo da cerâmica.

Dessa forma, em grande medida, temos expectativa de uma postura ativa e de interação entre os diferentes sujeitos que estarão envolvidos na proposta de pesquisa, que nos aproxima metodologicamente da pesquisa participante ou mesmo da pesquisa-ação, que, ao mesmo tempo, diz respeito ao compromisso e à preocupação com as transformações da sociedade. Ao valorizar tal encaminhamento metodológico estamos aqui compartilhando da compreensão que nos apresentam Brandão e Streck (2016) ao verificarem que

A pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos. Experiências que sonham substituir o antigo monótono eixo: pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido, cientista/cientificado, peça aventura perigosa, mas historicamente urgente e inevitável, da criação de redes, teias e tramas formadas por diferentes categorias entre iguais/diferentes sabedores solidários do que de fato importa saber. Uma múltipla teia de e entre pessoas que, ao invés de estabelecer hierarquias de acordo com padrões consagrados de ideias preconcebidas sobre o conhecimento e seu valor, as envolva em um mesmo amplo exercício de construir saberes a partir da ideia

tão simples e tão esquecida de qualquer ser humano é em si mesmo e por si mesmo, uma fonte original e insubstituível de saber. (STRECK e BRANDÃO, 2006, p 12)

Da mesma forma, entre os nossos propósitos de trabalho, encontra-se o desejo de contribuir para “operar” uma metodologia que tenha utilidade e efeito no desenvolvimento de práticas que contribuam para repercutir no ensino/aprendizagem de História, que tenha efeito prático e mobilizador nas ações pedagógicas de professores, alunos e comunidade de Maragogipinho e de Aratuípe como um todo, ao compreendermos que o acontecimento deve gerar alcance social significativo e que provoque ações multiplicadoras e continuadas para além da escola.

Nosso posicionamento, portanto, inclina-se para a proposição inicial de fundar uma discussão em torno da utilização da Educação Patrimonial como estratégia metodológica com implicações pedagógicas para a valorização da História Local no ensino/aprendizagem de História. Ao mesmo tempo, contribuir, mediante a ação de diferentes sujeitos, como estudantes e trabalhadores da cerâmica de Maragogipinho, para fomentar uma cultura de valorização de todo patrimônio cultural existente entre nós. Sendo assim,

A relação tradicional de sujeito-objeto entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber, e que é da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída através do exercício da pesquisa. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimentos novo e transformador. (BRANDÃO, 2006, p 42)

Acerca disso, Michel Thiollente (2009, p. 162) ressalta a importância de um projeto educacional emancipatório na medida em que permite a grupos que possam ser denominados como modestos, ter acesso ao conhecimento. A tarefa e mesmo desafio do trabalho pretendido é de propor algo que assuma um caráter emancipatório no sentido de produzir um conhecimento novo, mas que implique numa ação de transformação social.

Para Streck (2006, p. 259) “a pesquisa é um ato de pronunciar o mundo”. Verifica que

...a pesquisa como leitura e pronúncia começa com a abertura para o mundo. Nesse sentido ela não é privilégio de pesquisadores nem de pessoas alfabetizadas. Nem por isso o pesquisador é irrelevante ou descartável. Dentro

dessa compreensão de pesquisa, ele é insubstituível no que diz respeito à complexidade de sua postura diante e com o outro, o mundo e o cosmos. Antes do domínio de determinadas técnicas, pesquisar implica capacidade de escutar, um escutar denso, intenso e impaciente. (STREEK , 2006, p 265).

Como desdobramento das possibilidades metodológicas a serem desenvolvidas, buscaremos colocar em prática um conjunto de atividades organizadas com base numa proposta de projeto de Educação Patrimonial, seguido de uma análise reflexiva acerca de todo o processo pedagógico.

Com base nas atividades realizadas ao longo da execução do projeto, e do exercício de reflexão decorrente de sua análise, finalmente construiremos uma proposta de atividade que sirva como alternativa metodológica para introdução do ensino de História Local e por meio da Educação Patrimonial nas escolas da cidade de Aratuípe como forma de contribuir para um ensino de História mais aproximado da realidade dos nossos alunos com foco na valorização das experiências, da cultura e do patrimônio existentes entre eles.

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Virgínia Queiroz (1999). **Viver do barro - trabalho e cotidiano de oleiros Maragojipinho** -Bahia 1970 - 1998. Dissertação de Mestrado em História Social - PUC – SP.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, Danilo R. (orgs). **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida-SP, Ideias & Letras, 2006.

COIMBRA, Sílvia. **O Reinado da lua: escultores populares do Nordeste/ Sílvia Coimbra, Flávia Martins, Letícia Duarte**. Rio de Janeiro. Salamandra, 1980.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Educação Patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de história**. In: Revista Brasileira de história – São Paulo, v. 13, nº 25/26, p. 265-276, 1993

_____, José Ricardo Oriá. **Um lugar na escola par a História Local**. In: Ensino em Re-vista, 4. 43-51.1995

LEAL, Maria das Graças Andrade. **Educação Histórica e patrimonial: uma experiencia interdisciplinar com História e fotografia**. In: Cruzar fronteiras sobre o ensino de história: II oficinas luso-afro-brasileiras. Coordenação de Luiz Alberto

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Marques Alves. Porto, dezembro de 2018, p. 43 – 64. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1626&sum=sim>)

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

MATTOZZI, Ivo. **Currículo de história e educação para o patrimônio**. Educação em Revista - Belo Horizonte, n. 47, p. 135-155, jun. 2008.

MOTA, Urânia Teixeira. **Louça de Deus: O Caxixi em Maragogipinho**. Salvador; Fast Design, 2011.

PEREIRA, José Carlos da Costa. **A cerâmica popular da Bahia** – Publicação da Universidade da Bahia. n° 4 – Bahia, 1957.

THIOLLENT, Michel, 1947 – **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. **Educação Patrimonial e aprendizagem histórica: percursos e epistemológicos na História ensinada**. In Revista Ensino & História. Londrina, v. 23, n. 1, p. 31-55, jan/jun. 2017.